

EDITORIAL

Diálogos e articulações interdisciplinares, teoria e clínica psicanalítica

Trivium: estudos interdisciplinares oferece, neste primeiro volume de 2023, seis artigos originais que têm como objetivo promover diálogos e articulações da psicanálise com diferentes saberes - filosofia, literatura, cinema e ciências sociais -, além de outros três que reportam o leitor a questões relativas à clínica e à teoria psicanalítica na contemporaneidade. Sobre o primeiro segmento, as discussões propostas pelos autores dão provas de que a psicanálise é uma disciplina sempre disposta à interdisciplinaridade, o que lhe permite reatualizar-se permanentemente. No segundo segmento, o leitor encontra um artigo dedicado a pensar teoricamente a clínica psicanalítica e dois outros textos, oriundos da experiência clínica, que trabalham questões relativas à velhice e à mulher na contemporaneidade.

Escolhemos abrir o primeiro segmento — *Diálogos e articulações interdisciplinares* — com a tradução inédita para o português de “Por amor a Lacan/Pelo amor de Lacan” de Jacques Derrida, bem como o original em francês que consta no final de seu livro sob o título *Résistances de la psychanalyse*. Trata-se da transcrição de sua conferência no colóquio *Lacan avec les philosophes*, em maio 1990, publicada na coletânea desse evento. Derrida constrói um diálogo interdisciplinar entre o campo da filosofia e o da psicanálise, sem confrontá-los ou mesmo complementá-los, mas desejoso de fazer devir algo até então não dito. O interdisciplinar exige abertura ao outro (Cf. Barthes, 1988), ao estrangeiro que se hospeda em nossa casa ou ao hospedeiro que acolhe o estrangeiro, no decorrer de um percurso que envolve dizer alguma coisa ainda que obscura e confusa. Eis uma das lições desse importante trabalho do filósofo da desconstrução que também pode ser lido como uma carta de amor endereçada a Jacques Lacan.

Em “Estranhamento (*Entfremdung*) e infamiliar (*Unheimliche*): reverberações entre a clínica psicanalítica das psicoses e a literatura”, *Fabiano C. Rabêlo Reginaldo R. Dias e Karla Patrícia H. Martins e Caciana L. Pereira* constroem um diálogo entre a psicanálise e a literatura, resgatando a definição de Victor Tausk do aparelho de influenciar nas esquizofrenias e a contribuição de Otto Rank sobre o fenômeno do duplo, e as contrasta com a indicação do psiquiatra e ensaísta Ernst Jentsch, de que o uso do tema da loucura na literatura constitui um meio privilegiado para desencadear a vivência do *infamiliar* no leitor.

Por relação à articulação da psicanálise com a literatura, o leitor encontra no artigo de Magali Koepke e Marta Regina D’Agord, “O sublime na escrita de linguagem de J. G. Noll”, investigações sobre a obra desse autor brasileiro à luz do conceito de sublime, no que este comporta o ilimitado, como força que domina e abala, no limite do abjeto. Na mesma linha, “A letra no ensino de Lacan entre o real e o simbólico: o lugar de Sygne de Coûfontaine”, de *Hevellyn Ciely da Silva Corrêa*, traz algumas reflexões importantes sobre a escrita em psicanálise com base no conceito lacaniano de letra, tomando como referência o trabalho de J. Lacan acerca da trilogia de Paul Claudel; sobretudo a personagem Sygne de Coûfontaine, cuja abordagem inspira uma virada na noção de letra.

Madge Porto, em “Mulheres, violência e dispositivo amoroso: uma discussão a partir de Balzac”, a partir da análise da obra escritor francês do século XIX, Ao “*Chat-qui-pelotte*”,

expande a temática da permanência de algumas mulheres em relações conjugais mediadas pelo abuso, dialogando com autores contemporâneos que trabalham temas ligados à violência cultural e do patriarcado capitalista. Articulando Psicanálise e Cinema, em “Eu vejo gente morta: repensando a função do analista a partir do filme *O sexto sentido*”, Alexandre Patrício de Almeida e Thiago P. Vieira abordam, à luz das contribuições dos psicanalistas Sándor Ferenczi, Wilfred Bion, Donald Winnicott e Thomas Ogden, um episódio traumático protagonizado pelos personagens principais do filme de M. Night Shyamalan.

Em relação aos artigos inseridos na temática teoria e clínica psicanalítica, “Entre ver e ouvir o real: da tópica do imaginário a alguns grafos sobre a clínica psicanalítica”, de *Bruno Wagner G. Santana*, retoma as noções lacanianas de real, imaginário e simbólico e, articulando o campo do olhar e o campo do audível. evidencia a tensão que faz decair o real como campo residual. Desse trajeto, o autor retira uma via possível para se pensar o conceito de gozo, e repetição na psicanálise. A versão em francês do artigo, traduzido pelo próprio autor, consta também na presente edição.

Raoní H. Carneiro e Marco Antonio Coutinho Jorge em “Sobre velhices e lutos”, se dedicam a perscrutar alguns pontos recolhidos na clínica com “idosos” – o trabalho de luto, no qual um sujeito é convocado frente a uma perda significativa e que, por vezes, só toma direção falando em análise. Abordam também a questão dos cuidados para com os sujeitos em processo demencial, devido ao envelhecimento, pontuando o sofrimento daqueles familiares que se colocam na posição de cuidar. Por fim, encerrando a seção de artigos, “*A problemática do feminino em Freud: a anatomia é o destino?*”, de Cintia R. Longhini, Silvia N. Cordeiro e Natália Ortiz, apresenta uma pesquisa clínica que as levou a recolocar a questão do feminino no atendimento de mulheres do nosso tempo.

A resenha “Memória e devires de Sabina Spielrein”, de Jô Gondar, destaca a importância do livro *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise. Obras completas* (3 volumes), organizado por Renata Comberg, para a psicanálise contemporânea.

Na seção Arte, o comentário crítico da exposição *Ocupação Paulo Freire*, no Museu do Estado de Pernambuco, segue a proposta temática da presente edição. Antônio Carlos Aguiar Dias apresenta a amostra da obra freiriana articulando arte, educação e cultura popular.

Referências:

Barthes, Roland (1988). *O rumor da língua*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, p. 97.

Betty B. Fuks

Editora Responsável